

EDITORIAL DO DOSSIÊ

É com imensa alegria que apresentamos o volume 2 do dossiê *Monstros e monstruosidade nas expressões religiosas*. Com os artigos aqui publicados completamos o dossiê da *Numen*, cujo volume 1 já se encontra no ar. O número de submissões feitas no dossiê de uma temática supostamente marginal dos estudos de religião surpreendeu positivamente os organizadores e os editores de *Numen*. Descobrimos que havia um grande interesse no tema para além do grupo de pesquisa que sobre ele se debruça e que propôs este dossiê. O interesse em pesquisar a monstruosidade entre nós acompanha uma tendência da pesquisa internacional, como se pode constar na recente publicação do *Oxford Handbook of Biblical Monsters* e na organização neste ano de congressos e seminários acadêmicos em torno ao tema, inclusive na América Latina.

Talvez a surpresa com o interesse nos monstros no ambiente acadêmico de estudos de religião no Brasil seja ainda maior devido à sua consistente presença nas mais diversas tradições religiosas: eles estavam aí todo o tempo, mas mal lhes notávamos a presença, tendo sido reconhecidos, no máximo, como aberrações, como formas e expressões desajustadas, provenientes de um pensamento não amadurecido, incompleto e deficiente. A resistência ao monstro acompanhou, portanto, o discurso da modernidade em relação à religião e à sua linguagem por excelência, o mito. O mito, como os monstros que os habitam, seria uma linguagem por demais porosa, onde o real e o irreal se misturam sem pudor, sem seguir os critérios de classificação dos seres, sem uma rigorosa relação com o real. A religião, se quisesse ter alguma relevância em tempos de ciência e sociedade secular, necessitaria se emancipar destes inconvenientes protagonistas. Desta forma, a obsessão de teorias de religião por referentes concretos, de adequação ao que se convencionou chamar de “o real”, criou um modelo de religião caricato, desprovido de sua potência de subversão das formas estabelecidas de conectar os todos os seres, de ocupar os espaços liminais. A emergência de uma pauta de pesquisa dos monstros e das monstruosidades é muito significativa porque se atreve a buscar alternativas à depuração demitizante das narrativas e imagens religiosas. Não se trata, portanto, apenas de constatar a presença dos seres monstruosos, mas antes de tudo de os transformar num operador de leitura, de entender como as religiões lidam com a realidade contestando as categorias com as quais ela é classificada e valorada, evidenciando que os seres humanos seguem profundamente conectados com o mundo e com as demais formas de vida, que nossos tão protegidos e autocontidos *selfs*, no encontro com as presenças disruptivas produzidas na experiência religiosa, são transformados em *outros*, outros radicalmente diferentes.

Neste segundo volume do dossiê recebemos artigos voltados para o estudo dos monstros no mundo antigo, desde a Grécia e o Israel antigos (“Criaturas míticas e imagens de si no antigo Israel e Judá” e “A construção poética da monstruosidade na *Teogonia*”), passando pelo judaísmo e pelo cristianismo na antiguidade (“Fronteiras entre os monstros e o grotesco, o cosmos e a morte no imaginário do apocalipse de Sofonias”, “Monstruos propios y ajenos. Demonios y criaturas hibridas en el discurso literario patristico y monástico”, “Meu nome é legião, porque somos muitos: Uma análise exploratória em Mc 5,1-20” e “Mitos, mesías y monstruos”), pelo imaginário islâmico marroquino (“Saber interpretar: representações e agências dos *jínn*s no Marrocos”), até a religiosidade popular latino-americana (“Hoje eu vim louvar Satanás: demônios e monstros como expressão de liberdade e resistência nos cultos de quimbanda” e “A monstruosidade da morte: o culto à *Santa Muerte* no México contemporâneo”). Por fim, mostrando a versatilidade deste operador de leitura, o dossiê conta com um artigo que explora a monstruosidade nos temas e nas

formas da poesia (“O poema – e por que não a crítica – como monstro: uma leitura de “*Consorting with Angels*”, de Anne Sexton”), um que problematiza a monstruosidade no discurso científico (Monstros, diablos, brujas y zombies desde los saberes expertos: genealogía sobre no-humanos numinosos y su relación con la cultura científica”) e, por fim, um que problematiza o humor e a bufonaria como formas do grotesco e de ressignificação teológica (“Humor é coisa séria: crítica bufônica da religião na série ‘Deus segundo Laerte’”).

Nosso objetivo com este dossiê é convidar a comunidade acadêmica a novos debates e pesquisas em torno aos monstros, as monstruosidades e as formas do grotesco no contexto das práticas e tradições religiosas. Eles se encontram nos textos e narrativas fundantes das religiões, sendo também cultivados na religiosidade popular e potencializados nas artes. Por meio dos monstros vislumbramos as camadas profundas e complexas de nossas expressões religiosas, nos permitindo analisar criticamente seu uso nas ideologias religiosas que constroem o outro como inimigo e valorizar as poéticas religiosas que, quebrando as classificações canônicas dos seres e dos âmbitos da realidade, nos permitem buscar conexões plenas entre os seres humanos, os animais, os mais-que-humanos e todo o cosmo.

Prof. Dr. Paulo Nogueira
professor PUC-Campinas